



EDITORIAL

Se somos, verdadeiramente, sujeitos históricos, seguramente não podemos nos desligar dos movimentos do nosso tempo, da nossa cultura, e da própria realidade que nos cerca. E esta interação, essa “vida”, é invariavelmente, tensão – *Spannung*, como diz Gabriel Marcel – conflito.

Tomemos o fragmento 53 de Heráclito: *Pólemos pânton mèn patér esti, pânton dè basileús kai toùs mèn theòus édeixe, toùs dè ánthròpous, toùs mèn douílous epoíese, toùs dè eleuthérous* (“A guerra é a origem de todas as coisas e de todas ela é soberana, e a uns ela apresenta-os como deuses, a outros, como homens; de uns ela faz escravos, de outros, homens livres”)¹. *Pólemos*, a “guerra”, é o princípio do embate, do contraste, da oposição, da luta na direção de novas construções. Períodos de crise, são também momentos de renovação, como assinalara Husserl.

O ano de 2020 vem se construindo como um ano difícil, de muitos embates e dificuldades, apontando para crises as mais diversas. Tempos de crise são, também, tempos de criação, de *poíesis*, de produção. A Fenomenologia tem muito a contribuir nas discussões contemporâneas. Dermot Moran – no *Editor’s Introduction* ao *The Phenomenological Reader* – apresenta a Fenomenologia como uma “forma de ver e como movimento (...). No início do século XXI, continua a oferecer uma alternativa vibrante e desafiadora aos relatos naturalistas contemporâneos de consciência e significado”².

Em meio a “crises”, novas parcerias e novas perspectivas podem surgir. E é aqui que nos encontramos, na esperança de novos diálogos e novas criações. E nada mais esperançoso do que saber que, em meio a todas essas crises, surge o segundo número do *Phenomenology, Humanities and Sciences*, ao lado de um novo *journal*, ligado a toda uma tradição de investigações fenomenológicas em psicologia, teologia e filosofia, que é o *Duquesne Studies in Phenomenology*³.

Nesta direção, nosso novo número – inteiramente dedicado a manuscritos decorrentes de trabalhos apresentados no II Congresso Internacional de Fenomenologia e Psicologia, ocorrido em 2019, em Curitiba, Paraná, Brasil⁴ – principia com o protagonismo da figura de Edmund Husserl, em dois artigos: um debate em torno das relações entre fenomenologia e psicologia, que atravessaram o pensamento husserliano desde suas *Investigações Lógicas até seus últimos escritos*; e, no exercício da tarefa crítica da fenomenologia husserliana, destacando a denúncia concernente aos contrassensos teóricos da doutrina naturalista.

Em seguida, trazemos uma discussão ética que une dois pensadores tão diversos quanto Lévinas e Merleau-Ponty, em torno da ideia de que o pensamento não detém o segredo e as potencialidades da linguagem, mas que a linguagem é a condição do pensamento. Max Scheler também se faz presente, na apresentação do fenômeno da simpatia, enquanto “lugar” privilegiado para a compreensão das vivências alheias. A dimensão edificante do diálogo interdisciplinar se dá em torno da reflexão de Merleau-Ponty sobre as ciências biológicas, e de como estas se abrem para seu projeto ontológico.

Sartre igualmente é convidado, neste número, a discorrer sobre suas formas de solução ao dualismo, em sua obra *O Ser e o Nada*, restaurando as bases de sua ontologia. Esta discussão anuncia o debate

1 Kirk, G.S.; Raven, J.E. & Schofield, M (1994). *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 200.

2 Moran, D. (2002). Editor’s Introduction. In Dermot Moran & Timothy Mooney (Eds). *The Phenomenological Reader* (pp. 1-26). London and New York: Routledge, p. 1.

3 Descrito como um periódico interdisciplinar de pesquisa fenomenológica, seu primeiro número nasce dedicado à Hermenêutica Atual (Current Issue: Volume 1, Issue 1 (2020) Hermeneutics Today, <https://dsc.duq.edu/dsp/>).

4 II Congresso Internacional de Fenomenologia e Psicologia / IV Congresso Brasileiro de Psicologia & Fenomenologia / VI Congresso Sul-Brasileiro de Fenomenologia (2019). Anais em: https://1drv.ms/b/s!Am_JSTLFsy5tg9ZYBTSBxeHuUFyQMw?e=8dvhqh



antropológico porvir, que principia pelas fundamentações implícitas para uma clínica, a partir de seu caráter espiritual, como assinala Edith Stein, colocando o sujeito como um ser desperto, consciente, ativo, livre, indeterminado e capaz de formar a si mesmo. A sequência não poderia prescindir da literatura. Assim, Kierkegaard, Clarice Lispector e Anton Tchecov são convidados ao tema da epifania e do acontecimento na clínica.

Ao final, dois estudos empírico-compreensivos trabalham, por um lado, grupos interventivos com universitários em sofrimento psíquico, pretendendo compreender suas experiências; e, por outro, a acumulação de experiências adquiridas junto ao mundo da vida cotidiana, no contexto de pessoas com diagnóstico de transtorno mental no enfrentamento de sua doença.

Encerramos este número com uma tradução, para o português, do texto de Jan Patócka sobre Heidegger – precedido por um belo ensaio intitulado “Crise e história: o ‘Sócrates de Praga’ lê a Heidegger”, e com uma entrevista (traduzida do francês para o espanhol), de Renaud Barbaras.

Boa leitura!

Adriano Furtado Holanda

(Editor-Chefe / LabFeno / Coord. GT Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos-ANPEPP)



EDITORIAL

If we are truly historical subjects, we certainly cannot disconnect from the movements of our time, our culture, and the very reality that surrounds us. And this interaction, this “life”, is invariably, tension – *Spannung*, as Gabriel Marcel says – and conflict.

Like Heraclitus, fragment 53: *Pólemos pánton mèn patér esti, pánton dè basileús kai toùs mèn theòus édeixe, toùs dè ánthrópous, toùs mèn doúlous epoiese, toùs dè eleuthérous* (“War is the origin of all things and it is sovereign of all, and to some it presents them as gods, to others, as men; some make slaves, others free men”)¹. *Pólemos*, “war”, is the beginning of the struggle, the contrast, the opposition, the struggle towards new constructions. Periods of crisis are also moments of renewal, as Husserl had pointed out.

The year 2020 has been building up as a difficult year, with many struggles and difficulties, pointing to the most diverse crises. But times of crisis are also times of creation, of *poiesis*, of production. Phenomenology has a lot to contribute to contemporary discussions. Dermot Moran – in Editor’s Introduction to *The Phenomenological Reader* – presents Phenomenology “as a way of seeing and as a movement (...)”. At the dawn of the twenty-first century, it continues to offer a vibrant and challenging alternative to contemporary naturalistic accounts of consciousness and meaning².

Amid “crises”, new partnerships and new perspectives may arise. And this is where we find ourselves, hoping for new dialogues and new creations. And nothing more hopeful than knowing that, in the midst of all these crises, the second issue of *Phenomenology, Humanities and Sciences* appears, alongside a new journal, linked to a whole tradition of phenomenological investigations in psychology, theology and philosophy, which is *Duquesne Studies in Phenomenology*³.

In this sense, our new issue – entirely dedicated to manuscripts resulting from works presented at the *II International Congress of Phenomenology and Psychology*, which took place in 2019, in Curitiba, Paraná, Brazil⁴ – begins with the protagonism of the figure of Edmund Husserl, in two articles: one debate around the relationship between phenomenology and psychology, which crossed Husserlian thought from his *Logical Investigations* to his last writings; and, in the exercise of the critical task of Husserlian phenomenology, highlighting the denunciation concerning the theoretical contradictions of naturalist doctrine.

Then, we bring an ethical discussion that unites two thinkers as diverse as Lévinas and Merleau-Ponty, around the idea that thought does not hold the secret and the potential of language, but that language is the condition of thought. Max Scheler is also present, in the presentation of the phenomenon of sympathy, as a privileged “place” for the understanding of other people’s experiences. The edifying dimension of interdisciplinary dialogue takes place around Merleau-Ponty’s reflection on biological sciences, and how they open up to his ontological project.

Sartre is also invited, in this issue, to discuss his ways of solving dualism, in his work *Being and Nothingness*, restoring the bases of his ontology. This discussion announces the anthropological debate to come, which begins with the implicit foundations for a clinic, based on its spiritual character, as pointed out by Edith Stein, placing the subject as an awake, conscious, active, free, indeterminate and capable of forming

1 Kirk, G.S.; Raven, J.E. & Schofield, M (1994). *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 200.

2 Moran, D. (2002). Editor’s Introduction. In Dermot Moran & Timothy Mooney (Eds). *The Phenomenological Reader* (pp. 1-26). London and New York: Routledge, p. 1.

3 Current Issue: Volume 1, Issue 1 (2020), *Hermeneutics Today*, <https://dsc.duq.edu/dsp/>.

4 II Congresso Internacional de Fenomenologia e Psicologia / IV Congresso Brasileiro de Psicologia & Fenomenologia / VI Congresso Sul-Brasileiro de Fenomenologia (2019). Annals: https://1drv.ms/b/s!Am_JSTLFsy5tg9ZYBTSBxeHuUFyQMw?e=8dvhqh



himself. The sequence could not do without the literature. Thus, Kierkegaard, Clarice Lispector and Anton Tchecov are invited to the theme of epiphany and the event in the clinic.

In the end, two empirical-comprehensive studies work, on the one hand, intervention groups with university students in psychological distress, aiming to understand their experiences; and, on the other hand, the accumulation of experiences acquired with the world of everyday life, in the context of people diagnosed with mental disorders in coping with their disease.

We close this issue with a translation, into Portuguese, of Jan Patócka's text on Heidegger – preceded by a beautiful essay entitled "Crisis and history: 'Socrates of Prague' reads to Heidegger", and with an interview (translated from French to Spanish), by Renaud Barbaras.

Good reading!

Adriano Furtado Holanda

(Editor-Chefe / LabFeno / Coord. GT Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos-ANPEPP)



EDITORIAL

Si somos sujetos verdaderamente históricos, es cierto que no podemos desconectarnos de los movimientos de nuestro tiempo, nuestra cultura y la realidad que nos rodea. Y esta interacción, esta “vida”, es tensión – o *Spannung*, como dice Gabriel Marcel – es conflicto

Como en el fragmento 53 de Heráclito: *Pólemos pánton mèn patér esti, pánton dè basileús kai toùs mèn theòus édeixe, toùs dè ánthròpous, toùs mèn doúlous epoiese, toùs dè eleuthérous* (“La guerra es el origen de todas las cosas y es soberana de todas, y para algunos las presenta como dioses, para otros, como hombres; algunos hacen esclavos, otros hombres libres”)¹. *Pólemos*, La “guerra” es el comienzo de la lucha, el contraste, la oposición, la lucha hacia nuevas construcciones. Pero los períodos de crisis también son momentos de renovación, como Husserl había señalado.

El año 2020 ha sido un año difícil, con muchas luchas y dificultades, que apuntan a las crisis más diversas. Los tiempos de crisis son también tiempos de creación, de *poiesis*, de producción. La fenomenología tiene mucho que aportar a las discusiones contemporáneas. Dermot Moran, en la Introducción del editor a *The Phenomenological Reader*, presenta la fenomenología como una “forma de ver y como un movimiento (...)”. A principios del siglo XXI, continúa ofreciendo una alternativa vibrante y desafiante a los relatos naturalistas contemporáneos de conciencia y significado”.

En medio de “crisis”, pueden surgir nuevas asociaciones y nuevas perspectivas. Y aquí es donde nos encontramos, esperando nuevos diálogos y nuevas creaciones. Y nada más esperanzador que saber que, en medio de todas estas crisis, aparece el segundo número de *Phenomenology, Humanities and Sciences*, junto con una nueva revista, vinculada a toda una tradición de investigaciones fenomenológicas en psicología, teología y filosofía, que es la revista *Duquesne Studies in Phenomenology*².

En este sentido, nuestro nuevo número – totalmente dedicado a los manuscritos resultantes de los trabajos presentados en el II Congreso Internacional de Fenomenología y Psicología, que tuvo lugar en 2019, en Curitiba, Paraná, Brasil³–, comienza con el protagonismo de la figura de Edmund Husserl, en dos artículos: uno debate sobre la relación entre fenomenología y psicología, que cruzó el pensamiento de Husserl desde sus *Investigaciones Lógicas* hasta sus últimos escritos; y, en el ejercicio de la tarea crítica de la fenomenología husserliana, destacando la denuncia sobre las contradicciones teóricas de la doctrina naturalista.

Luego, traemos una discusión ética que une a dos pensadores tan diversos como Lévinas y Merleau-Ponty, en torno a la idea de que el pensamiento no guarda el secreto y el potencial del lenguaje, sino que el lenguaje es la condición del pensamiento. Max Scheler también está presente, en la presentación del fenómeno de la simpatía, como un “hogar” privilegiado para la comprensión de las experiencias de otras personas. La dimensión edificante del diálogo interdisciplinario tiene lugar alrededor de la reflexión de Merleau-Ponty sobre las ciencias biológicas, y cómo se abren a su proyecto ontológico.

Sartre también está invitado, en este número, a discutir sus formas de resolver el dualismo, en su trabajo *El ser y el nada*, restaurando las bases de su ontología. Esta discusión anuncia el debate antropológico por venir, que comienza con los fundamentos implícitos para una clínica, basados en su carácter espiritual, como lo señaló Edith Stein, colocando al sujeto como un hombre despierto, consciente, activo,

1 Kirk, G.S.; Raven, J.E. & Schofield, M (1994). *Os Filósofos Pré-Socráticos*. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, p. 200.

2 Current Issue: Volume 1, Issue 1 (2020), *Hermeneutics Today*, <https://dsc.duq.edu/dsp/>.

3 II Congresso Internacional de Fenomenologia e Psicologia / IV Congresso Brasileiro de Psicologia & Fenomenologia / VI Congresso Sul-Brasileiro de Fenomenologia (2019). Anais em: https://1drv.ms/b/s!Am_JSTLFsy5tg9ZYBTSBxeHuUFyQMw?e=8dvhqh



libre, indeterminado y capaz de formarse a sí mismo. La secuencia no podría prescindir de la literatura. Por lo tanto, Kierkegaard, Clarice Lispector y Anton Tchecov están invitados al tema de la epifanía y al evento en la clínica.

Al final, dos estudios empírico-completos trabajan, por un lado, grupos de intervención con estudiantes universitarios en problemas psicológicos, con el objetivo de comprender sus experiencias; y, por otro lado, la acumulación de experiencias adquiridas con el mundo de la vida cotidiana, en el contexto de personas diagnosticadas con trastornos mentales para hacer frente a su enfermedad.

Cerramos este número con una traducción, al portugués, del texto de Jan Patócka sobre Heidegger, precedido por un ensayo titulado “Crisis e historia: ‘Sócrates de Praga’ le lee a Heidegger”, y con una entrevista (traducida del francés al Español), de Renaud Barbaras.

¡Buena lectura!

Adriano Furtado Holanda

(Editor-Chefe / LabFeno / Coord. GT Fenomenologia, Saúde e Processos Psicológicos-ANPEPP)